



## **DIÁLOGO E CONFLITO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA REFLEXÃO ANCORADA NO PENSAMENTO FREIRIANO.**

**FARIA, Inajara<sup>1</sup>; PITANO, Sandro de Castro<sup>2</sup>.**

*<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia, ICH/UFPeL.  
Bolsista de monitoria do programa de graduação do Laboratório de Cartografia e Estudos Ambientais, ICH/UFPeL.  
inajara.faria@gmail.com*

*<sup>2</sup> Orientador, Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Geografia, ICH/UFPeL.  
spitano.unipampa@ufpel.tche.br  
Rua cel. Alberto Rosa, 154 – Bairro Porto – Pelotas.*

### **1. INTRODUÇÃO**

Durante a vida escolar, nos deparamos com muitos desafios, geradores de saberes necessários. Alguns levamos para a vida toda, como os ensinamentos que vamos passando por meio da interação, de um para o outro e que não estão explícitos em nenhum currículo escolar. São ensinamentos que aprendemos ao entrar em contato com o mundo, junto com as primeiras palavras, com os primeiros descobrimentos, necessários, enfim, ao convívio humano em sociedade.

O diálogo faz parte desses saberes necessários e que se tornam um desafio permanente. Na escola, ele é proposto por alguns professores que se apóiam, principalmente, nos ensinamentos do educador Paulo Freire. Paralelo ao diálogo, existe um outro desafio, que é o conflito, com o qual nos deparamos freqüentemente, seja no ambiente familiar, na escola e até mesmo no trabalho, onde há sempre divergência, confronto de idéias ou de interesses.

É a partir desses dois aspectos que o trabalho se fundamenta e avança. Buscamos entender porque o diálogo é importante na vida escolar dos alunos, como ele se desenvolve na sala de aula e como o conflito faz parte desse processo, ao contrário do que aparenta, estabelecendo uma relação de coexistência necessária.

### **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Foi feita uma pesquisa teórica, de caráter bibliográfico, baseada em algumas obras do educador Paulo Freire, entre as quais se destacam: Educação e Mudança; Pedagogia: diálogo e conflito e Pedagogia da Autonomia. Adotamos como principal objetivo analisar e explicar o conceito de diálogo e de conflito, contextualizando a relação entre ambos no meio escolar, a partir de uma revisão crítica e de reflexões sobre o material de estudo.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Desde pequenos entramos em contato com o mundo. Nos primeiros instantes, este contato é feito através do tato e do paladar; tudo que pegamos, com as mãos, levamos até a boca para identificar. Mas, aos poucos, vamos evoluindo nessa “leitura de mundo”, que não é uma leitura aprendida somente na escola, em que somos alfabetizados com as letras, mas, sim, que aprendemos com a vivência e com a curiosidade.

Essa “leitura de mundo” torna-se diálogo quando a fazemos junto com outras pessoas, em uma relação que envolve dois ou mais sujeitos, que vai se aprimorando e fazendo parte da nossa vida, se tornando constante e nos acompanhando na construção de nossas idéias, modos de ser e de conviver. Contíguo ao diálogo, em alguns momentos, se manifesta o conflito. Conflito que pode surgir em qualquer lugar, dentro da nossa casa, com os familiares, assim como na escola, no decorrer das relações cotidianas. Como complemento enriquecedor do diálogo, ele nos acompanha no crescimento e no amadurecimento, tanto físico, como intelectual.

Ao pensar em conflito, as primeiras definições que temos são “embate de pessoas que lutam; barulho, desordem, tumulto” (BUENO, 1996. p.156). Mas o conflito não é apenas isto. Junto com o diálogo, ele se torna uma ferramenta para a construção do conhecimento. Ele somente gera esses fatores (desordem e competição) quando não há uma discussão pacífica para construir novas idéias, resolver as divergências entre os envolvidos ou qualificar, coletivamente, saberes. No livro de Paulo Freire “Por uma pedagogia da pergunta” (1985), nos é proposto essa postura pedagógica, onde “é preciso estabelecer um diálogo entre nossas diferenças e nos enriquecermos nesse diálogo.” É necessário estabelecer diálogo, em que não se reduza a “depositar idéias em outros”, mas, sim, em superar as diferenças existentes em cada um, diferenças estas que fazem parte do conflito e que muitas vezes, o constituem. Também é preciso compartilhar a vivência, as experiências e ser crítico para poder, enfim, enriquecer a partir desse diálogo.

Na escola, não é muito diferente, com as situações que presenciamos no cotidiano. O professor deve compartilhar seus conhecimentos, não chegar à classe e despejar o conteúdo no quadro, por exemplo, sem abordá-lo dialogicamente, sem trazê-lo para a vida do aluno. Trazer o conteúdo para a vida do aluno faz com que ele sinta um estímulo, onde enxerga o conteúdo e sabe reconhecê-lo presente em seu cotidiano, na sua vida. Quando isto ocorre, as aulas tendem a ficar mais acessíveis para o seu entendimento, sem o que não é possível haver diálogo, somente o conflito. A construção de conhecimento se torna mais fácil e mais agradável, quando ele consegue participar, dialogando e explicitando eventuais conflitos em relação ao conteúdo trabalhado. Em uma classe em que o professor faz o uso do diálogo, em que os alunos participam ativamente, lendo os textos, discutindo assuntos ligados à aula, há um melhor aproveitamento e uma construção de conhecimento. Trata-se não só de uma questão de método, de planejamento, mas de postura profissional coerente com a particularidade humana.

O diálogo se desenvolve quando o professor não tem medo e não deixa as dúvidas e questionamentos dos alunos passarem em branco. Ele deve ser o mediador em sala, para que todas as discussões relevantes sobre o assunto se tornem um conflito de maneira positiva, aquele que trará a troca entre opiniões, tomando como base o diálogo. O diálogo se torna bem mais que uma simples conversa, uma autêntica e construtiva partilha.

O professor, para desenvolver esta postura dialógica, deve ter consciência de que não é o dono da verdade, ou seja, que ele não sabe de

tudo. “Não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa.” (FREIRE, 1996. p.153) Ele deve ter consciência de que o ser humano está em constante aprendizado, e não deve temer ao não saber responder uma questão proposta pelo aluno, e sim tentar buscar, juntos, uma resposta. Afinal, ambos estão ali para aprender, educando e educador.

Mas o que é realmente o diálogo para Paulo Freire? Como o conflito pode ser positivo na formação do aluno?

Buscamos, em Paulo Freire, explicar estes questionamentos por ser um escritor renomado na práxis educativa, onde se destacou por consolidar a pedagogia crítica, chamada de “Educação Problematizadora”. Este sendo o método (agir), em que o professor incentiva o aluno a ser crítico, a efetivamente analisar e compreender, se tornar sujeito da ação.

O diálogo para Paulo Freire é muito mais que uma simples conversa, onde não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de A sobre B, mas de A com B (FREIRE, 1976). Ele é um permanente e abrangente movimento para a construção de saberes, que faz parte da própria existência do homem, porque foi, a partir desta troca, que o homem evoluiu. Para Paulo Freire, o diálogo não é apenas uma relação eu-tu, mas sim, nós, tornando-o interativo, entre as pessoas.

O diálogo só é inicializado quando há, entre as pessoas, disponibilidade, vontade de que este ato aconteça. Caso contrário, não há diálogo, mas sim, um monólogo, apenas um jogo de perguntas e respostas. Para que o diálogo aconteça é preciso também ter confiança, ser harmônico, ter fé no ser humano, ser humilde. É preciso que o professor passe aos alunos esta confiança.

De outro lado, está o conflito, e ele é positivo para a formação do aluno, capaz de ouvir e falar, externalizando-o, e isto se dá em forma de diálogo. Ouvir, compreender e falar faz parte do conflito. É por isso que falamos que o conflito anda junto com o diálogo, fruto das diferenças, jamais do antagonismo. Não há um, sem o outro.

Ele se torna positivo, também, porque faz parte da vida, assim como o diálogo. Para haver o conflito, basta duas pessoas terem opiniões divergentes sobre determinado assunto, aquela provocação que ocorre faz com que ambas comecem o diálogo. Se o diálogo for realmente alcançado, o conflito se resolverá. Porque com a provocação, o conflito leva os envolvidos a introduzir em suas mentes, novas idéias, a tentar aceitar a posição do outro. Enfim, o conflito, que é o confronto de posições, pelo diálogo que é o estabelecimento de harmonia, se dá ouvindo e falando, e, por fim, um entendimento, ou uma construção de conhecimento quando estamos na sala de aula.

#### **4. CONCLUSÃO**

O professor deve incentivar o diálogo em suas aulas, sair do jogo de perguntas e resposta é fundamental para o aluno desenvolver seu senso crítico, o saber ouvir, compreender e se expor. Os conflitos que vão surgindo na classe devem ser aproveitados para apontar as divergências, surgir as dúvidas, os questionamentos, e por fim, serem usados de maneira sadia para a construção de conhecimento.

Transformar o aluno em sujeito da ação, não mero objeto: o diálogo precisa ser vivido, em uma relação de humildade, afetividade, onde não haja exploração, que não se torne uma relação de opressão, um sobre o outro,

porque como já dito, o diálogo vai além do eu-tu, ele é nós. Assim, se torna um desafio.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.
- FAUNDEZ, Antônio; FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia dialogo e conflito**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23º ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 12º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PITANO, Sandro de Castro. **Educação e política em J-J Rousseau e Paulo Freire**: a questão da desigualdade social. Pelotas: Seiva Publicações, 2004.